

Voltar... p'ra trás!

O recessivismo que caracteriza o bipolarizado processo de implantação do Acordo de Paz assinado em Roma, há perto de dez meses, leva a pensar, justamente, que o comportamento assumido por um dos signatários — mais concretamente a Renamo — tem muito a ver com uma estratégia "de retenção" que, por sinal, até já foi adoptada durante os dois longos anos de conversações.

Por que razão interessa à Renamo utilizar a "retenção" num momento em que o efectivo das Nações Unidas está reunido em número exigido pelo seu líder Afonso Dhlakama?

Se calhar porque as "garantias" ainda não estão visualizadas pelos seus responsáveis. "Garantias" que satisfaçam aqueles que fizeram a guerra pela Renamo e que esperam poder desfrutar alguma coisa do seu sacrifício.

Mas já outros problemas se levantam que poderiam ser incluídos na agenda da cimeira, nomeadamente a questão que polariza a dualidade de administração do território, dos quais o General Ngonhamo fez questão de reafirmar que 85 por cento dele é controlado pela Renamo, logo após o seu desembarque no Aeroporto Internacional de Maputo.

Assumindo o seu tradicional papel de mediador de conflitos, a missão das Nações Unidas tem continuado a receber notificações de violações do Acordo, sem contudo dar a

conhecer o resultado de eventuais investigações no terreno onde se dão os alegados desvios do Acordo, tanto no que diz respeito às queixas da Renamo, como àquelas que se referem às pretensas violações do Governo.

A experiência das Nações Unidas na Namíbia foi mais imaculada do que a bandeira branca que ostentam em território moçambicano (exceptuando-se o caso do contingente italiano estacionado em Sofala, que já hasteou a bandeira transalpina no Dondo); mas já não aconteceu o mesmo na Somália. Nem está a acontecer a mesma coisa na sangrenta Jugoslávia. Ou no resto daquilo que era a antiga Jugoslávia.

Depois do derrame de sangue em Angola, é possível que as Nações Unidas tenham um papel mais interventivo no acordo de paz assinado em Bicesse.

Talvez que em Moçambique as Nações Unidas se assumam mais interventivos quando os "incidentes" — como os de Salamanga — se tornarem demasiado regulares para inquietarem os "capacetes azuis". Aliás, em Angola a guerra reacendeu com "pequenos incidentes de somenos importância".

Até lá, a sensação que fica é que estamos a voltar... p'ra trás!

A menos que se contrarie o Presidente Chissano quando afirmou — no seu regresso de Roma — que todos são responsáveis pela manutenção da paz; e se acredite só há dois personagens a quem a paz pode ser responsabilizada.

Como pode, aliás, deixar entender a prevista cimeira Chissano-Dhlakama.

Dom. 11/7/93 Almiro Santos